

Chuvas mataram 1310 portugueses nos últimos 150 anos

Milhares de notícias sobre desastres naturais no país foram analisadas por investigadores. O resultado pode ajudar a elaborar planos de prevenção ou de ordenamento

Catástrofes naturais Ricardo Garcia

Mais de 1900 ocorrências, 1310 mortos, quase 42 mil desalojados. Esta é a nova contabilidade das catástrofes naturais causadas pela chuva em Portugal nos últimos 150 anos, segundo os resultados de um projecto que será apresentado segunda-feira, em Lisboa. É, até agora, o retrato mais sistematizado das cheias e deslizamentos de terra no país.

Durante dois anos, investigadores de três universidades – de Lisboa, de Coimbra e do Porto – debruçaram-se sobre milhares de notícias sobre desastres naturais. Nada menos do que 145.000 exemplares de jornais, de 1865 a 2010, foram lidos, à procura de episódios que tenham causado algum tipo de vítima – mortos, desaparecidos, feridos, ou desalojados.

O resultado é uma base de dados com 1903 ocorrências relacionadas com chuvas – 1622 cheias e 281 deslizamentos de terra – que será disponibilizada publicamente até ao final do ano. Não estão incluídos desastres causados pelo vento.

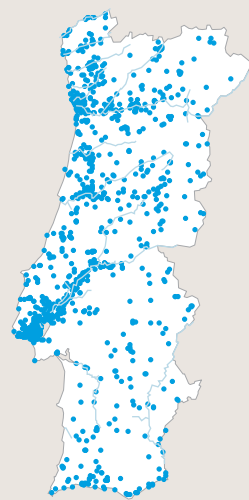
“Em Portugal, a informação relativamente a catástrofes está mal organizada”, afirma José Luís Zêzere, do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa e coordenador do projecto Disaster.

A fonte mais utilizada a nível internacional sobre desastres naturais, a base de dados EM-DAT, da Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, tem grandes falhas sobre Portugal. Há 14 registos de cheias e deslizamentos desde 1900, somando 610 mortos. Seguindo os mesmos critérios da EM-DAT – que considera apenas eventos com pelo menos dez mortos, 100 afectados, declaração de estado de emergência ou pedido de auxílio internacional – o projecto Disaster encontrou 57 ocorrências, com 894 mortos.

O pior ano desde 1865, em número de casos (77), foi 1909. Foi o ano em que o Douro chegou a menos de um metro do tabuleiro inferior da Ponte Luís I, depois de subir assustadoramente entre 17 e 25 de Dezembro. Os casos mais dramáticos ocorreram, porém, em 1967, nas cheias na região de Lisboa. Foi um episódio instantâneo, causado por forte chuva, concentrada em pouco tempo, na madrugada de 26 de Novembro.

O novo mapa dos desastres

Cheias

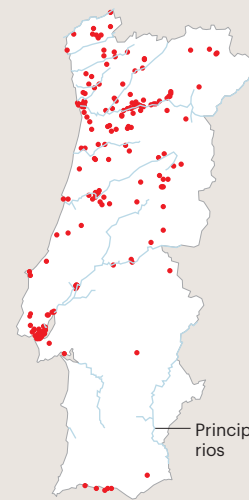


OCORRÊNCIAS
1622

MORTOS
1071

DESALOJADOS
40.283

Deslizamentos

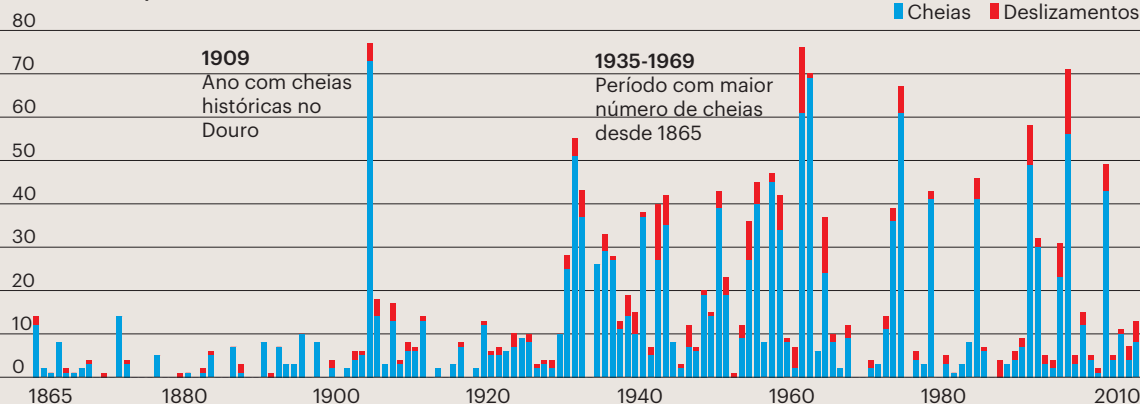


OCORRÊNCIAS
281

MORTOS
239

DESALOJADOS
1561

Ocorrências por ano



Fonte: Projecto DISASTER

O calor mata mais

Tempestades, cheias, tornados e deslizamentos de terras são mais mediáticos. Mas o tipo de desastre natural mais mortífero em Portugal no último século foi o calor. Entre 1981 e 2006 terão morrido pelo menos 7000 pessoas vítimas de vagas de temperaturas altas – cinco vezes mais do que as mortes provocadas por cheias e deslizamentos em um século e meio. É uma catástrofe que só se nota *a posteriori*, pela análise dos registos de óbitos. As

estimativas são feitas a partir da diferença do número de óbitos durante ondas de calor e os que seria de esperar normalmente.

O Verão de 2003, com 40 graus Celsius durante dias seguidos, foi o mais fatal: mais de 2100 mortes adicionais, segundo a Direcção-Geral de Saúde. Outros anos problemáticos foram 1981 (1900 mortes), 1991 (1000), 2005 (462) e 2006 (1259). Já as cheias foram o segundo tipo de catástrofe natural que mais mortes provocou desde 1900.

Contabilidade oficial: 449 mortos.

Só as cheias causaram, no território continental, 1071 mortos desde 1865. Os deslizamentos de terra fizeram 239 vítimas mortais. A base de dados não inclui por ora as regiões autónomas, palco de episódios dramáticos, como os aluimentos que mataram 29 pessoas na Ribeira Quente, nos Açores, em 1997, ou as enxurradas de 2010 na Madeira, com 40 mortos.

Lisboa e Coimbra são os concelhos com mais cheias e inundações registadas – 133 e 129. Mas onde morreram mais pessoas foi na zona de Loures, o epicentro do drama de 1967. Só no actual concelho de Odivelas, que na altura pertencia a Loures, há registo de 96 mortos e 1057 desalojados.

O mapa das cheias ao longo do tempo mostra padrões diferentes

(ver infografia completa em www.publico.pt). Em algumas décadas, sobressaem os episódios concentrados ao longo dos grandes rios. São tipicamente cheias de Inverno, causadas após muito tempo de chuva – como as do Tejo, Douro e Mondego. Noutras, há muitas ocorrências aglomeradas numa área restrita – como a região de Lisboa, entre 1960 e 1970.

Nos últimos anos, a dispersão é maior. “Começamos a ter ocorrências onde antes não tínhamos”, diz José Luís Zêzere. “Isto pode indicar que os erros de ordenamento do território, que ocorreram mais cedo nas áreas metropolitanas, estão a chegar a outros lados.” Mas é cedo para conclusões.

Diferentes equipas estão agora a trabalhar os dados iniciais do Disaster. Investigadores do Instituto Dom Luiz, da Universidade de Lisboa, estão a cruzar as ocorrências com os registos meteorológicos do passado. Uma das conclusões a que já se chegou: o período em que houve mais desastres foi entre 1935 e 1969. É uma aparente contradição com a expectativa de que, com o aumento da temperatura média, os episódios meteorológicos extremos fossem mais numerosos. Zêzere chama a atenção, no entanto, para a variabilidade natural do clima e para o facto de mais de metade (6 em 11) dos anos com mais de 40 ocorrências se concentrarem entre 1978 e o presente. “Não são os maiores picos, mas são picos mais frequentes.” A forma como os jornais tratam estes episódios também está a ser matéria de investigação, pelo Centro de Estudos Sociais, de Coimbra. Uma das conclusões preliminares é que tais temas ocupam cada vez mais espaço na imprensa.

O projecto Disaster vai disponibilizar dados individuais para cada concelho, em fichas com a localização das catástrofes. Pode ser um contributo para a elaboração de planos de prevenção ou de ordenamento, segundo José Luís Zêzere.

Um dado importante: em meia centena de concelhos não se registou uma única cheia ou deslizamento de terra relevante em 150 anos. Cada um terá as suas razões. Algumas zonas urbanas históricas, como Óbidos, terão beneficiado do facto de terem crescido sobretudo intramuros. “Não se expandiram para zonas de risco.”